

## ECOS NA IMPRENSA PORTUGUESA

O surgimento das ideias liberais em Portugal assinala um esforço de renovação cultural que se estende até à crise da I República. Poder-se-á falar numa história das ideias e da cultura que seguiu o binário conflituoso entre o ideário da modernidade e o viés conservador. Políticos, filósofos, literatos, religiosos, historiadores e jornalistas conferiram substância à constante tensão entre o princípio tendencialmente democrático da representatividade e do sufrágio e o princípio monárquico e tradicionalista. Mas o século XIX veio também redimensionar a medida de tempo na História Contemporânea. As reduzidas unidades de tempo e o seu alcance curto assumiram cada vez mais importância para a explicação dos fenómenos históricos. Ganhou assim pertinência a utilização do jornal enquanto instrumento social que considera o ritmo, a textura e a temperatura da sociedade. Em Portugal, a sua passagem ao formato diário responde à necessidade de acompanhar a cadência dos factos sociais.

É no contexto da luta de ideias e da sua proeminência enquanto elemento nuclear para a divulgação de determinadas percepções da mundividência que se propõe uma leitura das repercussões de dois eventos internacionais na imprensa portuguesa: a constituição da República Romana de 1849 e a Unificação de Itália. São acontecimentos que originaram inflamadas polémicas no âmbito dos círculos políticos oitocentistas, contrapondo e reflectindo concepções ideológicas e práticas sociais muito diversas. Revisitar o impacto das

réplicas oriundas da Península itálica permite-nos, sobretudo, entrar no epicentro do combate político e cultural, das expectativas, e perspectivar o duplo esforço efectuado pelos periódicos portugueses junto da opinião pública: informar e formar clientelas políticas.

*A Nação*, periódico católico, conservador e de tendência legitimista, e *A Revolução de Setembro*, preconizador da linha de esquerda liberal, posteriormente inflectindo mais para o campo moderado, são os órgãos de comunicação seleccionados. O primeiro estudo recorre à análise dos editoriais, um género jornalístico que se presta, muito particularmente, à interpretação idiossincrática da realidade. Já a reflexão sobre o processo de Unificação de Itália privilegia outros espaços de informação e opinião que não apenas os editoriais. Considerando que os diários de Lisboa apresentam diferenças ao nível do formato, da linguagem e das modalidades enunciativas, o esboço do esquema hermenêutico alarga o exame, neste caso, a telegramas noticiários e narrativas elaboradas a partir de informação proveniente de outros jornais europeus.

A disseminação de determinadas perspectivas políticas e religiosas é aqui encarada como elemento constitutivo do conceito de cultura. Deste ideário antagónico decorre o condicionamento social das ideias. Como refere Edward Said, a cultura transforma-se na moldura que diferencia nós e os outros, não sem um frequente grau de xenofobia. E, entendida como uma *fonte de identidade*, constitui um universo através do qual vários princípios, políticos e ideológicos, entram em relação uns com os outros, podendo mesmo “transformar-se num verdadeiro campo de batalha sobre o qual diversas causas se manifestam à luz do sol” (*Culture and imperialism*, New York, Vintage Books, 1993, intr.).

M. G.

C. C.